

# O Trabalhador

ANO V Tip. União Gráfica R. de Santa Marta, 158 — Lisboa Director e Editor: Manuel da Anunciada Soares Redacção e Administração: R. Capelo, 5 — 2.ª, Esq. N.º 10  
15 DE SETEMBRO DE 1938 Propriedade da Empresa da Revista Renascença, L.ª QUINZENÁRIO — Avulso \$30

## Consciência Profissional

Um dos grandes males que nos legou a nunca assaz condenado liberalismo foi a perversão da consciência profissional.

Acreditando e defendendo que o homem age e deve agir unicamente pelo seu interesse pessoal, o liberalismo preparou uma geração, várias gerações de homens, que se guiaram apenas por aquele interesse.

Qualquer outro móbil das nossas acções foi posto de lado e criou-se a mentalidade desgraçada de que negócios são negócios e de que a vida profissional nada tinha a ver com a vida religiosa ou com a consciência de cada um.

Assim se explica a grande farsa do catolicismo de muitos actuais católicos. Imaginam eles, ou estão habituados a imaginar, que uma coisa é honestidade particular, outra a vida profissional.

O interesse particular exige que se paguem salários de miséria, que se iluda a fiscalização, que se lance na miséria uma ou mais famílias operárias?

Negócios são negócios e, por isso se faz tudo o que for preciso, continuando adormecida e tranqüila a consciência.

Por sua vez, o operariado, agindo sob a influência imediata dos seus patrões, pensou que igual direito lhe assistia de separar o particular do profissional. E começaram os operários também a faltar, com a consciência tranqüila, ao cumprimento dos seus deveres profissionais.

Quanto mais cada um faltava, tanto maior era a luta entre os interesses, neste caso opostos, de operários e patrões.

Não foi outra a origem do actual conflito social. O remédio está em fazer despertar a consciência profissional.

Já o temos dito e redito, que uma fábrica não tem por fim enriquecer o seu dono, mas prestar um duplo serviço social: um a colectividade, fornecendo-lhe os géneros de que precisa; outro ao operário, garantindo-lhe subsistência e vida honesta. Estes dois fins sociais prevalecem ao fim particular de enriquecer o patrão, de tal modo que, se não enriquecer, nem por isso deixa ele de enriquecer a Nação e de dar pão aos operários.

Infelizmente inverte-se a ordem das coisas e agem muitos patrões apenas com o fim particular da riqueza pessoal. Quando assim se procede, é inevitável a prepotência e a insensibilidade patronal e só assim se explica que durma descansado, que se divirta e tenha felicidade quem é causador da fome e da miséria, senão da morte, de várias pessoas.

O que dizemos dos patrões, dizemo-lo também dos operários. Estes também faltam muita vez aos seus deveres porque esquecem o verdadeiro fim do seu trabalho. Trabalhar não é apenas um meio de ganhar a vida, mas sim um processo de prestar serviço à comunidade. O esforço de cada um é origem e causa de um maior bem colectivo e, por isso, o que trabalha não deve atender apenas à pessoa por conta de quem trabalha, mas a todos os seus semelhantes a quem, pelo seu trabalho, está a servir.

Pensar assim, agir assim, é ter, é sentir a consciência a orientar-lhe as acções.

Se houvesse na classe patronal e no operariado consciência profissional, todos os abusos de uns e de outros desapareceriam.

Urge, portanto, ressuscitar a ideia enterrada de que roubar no trabalho (seja o patrão seja o operário) é o mesmo que roubar numa estrada. Talvez seja ainda pior, porque, na estrada, rouba-se uma vez e, no trabalho, rouba-se todos os dias.

Embora o exemplo da consciência profissional devêsse começar por cima, o nosso jornal pede-vos, prezados amigos, seja-vos os primeiros a respeitar a vossa consciência profissional e a obedecer-lhe.

Não façais nada que prejudique o vosso patrão. Fazei tudo aquilo que é necessário fazer-se para que ele não sofra prejuizo nenhum. Poderá isto representar para muitos um grande sacrificio. Lembrai-vos, porém, de que foi procedendo assim que os escravos cristãos acabaram com a escravatura.

## Mais outro caso

Existe em Pardilhó um Sindicato Nacional dos Carpinteiros Navais do Distrito de Aveiro. E existe na Galinha um mestre construtor naval, sr. Manuel Maria Bolais Mónica que, mal orientado ou mal intencionado, pretende dar cabo do sindicato.

Que faz então o construtor naval? Apesar de terem — ele e os outros — contratado verbalmente com o sindicato e as entidades corporativas um determinado salário, não quer aquele senhor cumprir a sua palavra.

Supondo que o Sindicato é o inimigo n.º 1, resolve despedir os profissionais que tinha e substituí-los por carpinteiros da construção civil e amadores, a quem paga menos. Embora fique mais mal servido (ele e os fregueses), entende que, usando cêsse processo, obriga os operários sindicalizados a abandonar o seu sindicato e este ver-se-á obrigado a fechar as portas. Além disso, não se importa lá muito com a lei e nada de respeitar o horário de trabalho.

E dêle a seguinte frase: «o horário de trabalho não será cumprido nunca no meu estaleiro, onde só eu mando! Paguei em 1937 nove contos de multas. Pois tenho já reservados 12 contos para este ano!»

Isto é de desconcertar uma pessoa. Pode-se lá tomar a sério um patrão desta força?

Isto de dizer que no seu estaleiro só ele manda, é um engano. Meu caro senhor, mandam também:

- a) a moral
  - b) a lei
  - c) o interesse social dos seus operários
  - d) o bem comum
- Ora tudo isso manda mais do que pensa.

E se, em todo o caso, deseja persistir na ideia de que, no seu estaleiro, só o senhor manda, então:

- a) é um imoral
  - b) é um infractor contumaz
  - c) é um explorador dos seus operários
  - d) é um egoísta
- Para isto só há um remédio: «pó-lo à sombra» onde não faça mal.

O Sindicato já apresentou no Sub-Secretariado das Corporações uma longa exposição do caso que é clamoroso e são do sindicato as informações sobre que fizemos esta notícia.

E mais um caso a juntar a tantos outros da luta patronal contra os sindicatos nacionais.

Mais casos conhecemos nós bem recentes e ainda não trazidos a público, por onde se prova que, sobretudo no norte, lavra entre a classe

## Faleceu Rui Cordovil



O número dos nossos amigos e colaboradores é já tão elevado que a cada passo nos chegam noticias, ora alegres ora tristes, relativas à grande família de «O Trabalhador». Partilhámos das alegrias e dos pesares de todos os que vão seguindo connosco nesta difícil jornada de defender e prestigiar as classes trabalhadoras do país.

Infelizmente estamos registando um acontecimento bem triste: a morte do bom amigo Rui Cordovil, distinto poeta e jornalista que por diversas vezes nos deu a sua apreciada colaboração.

Cristão exemplar em casa, no escritório e em sociedade, deixo de si boa memória. A desolada esposa, aos filhos e mais família de Rui Cordovil, as nossas condolências.

patronal a doença grave de *sindicalofobia* (horror ao sindicato) — doença que pode arruinar a classe patronal.

Os sindicatos poderão morrer. Não morre a causa do operariado, poderão estar certos disso.

É conveniente lembrarmo-nos da frase de Leão XIII, proferida há 47 anos, na *Rerum Novarum*: «A questão social será resolvida pela razão ou sem ela; e não pode ser indiferente às nações que seja de uma maneira ou de outra».

Perseguir os operários e as suas organizações, quando a justiça está pelo lado deles, é cuspir para o ar ou abrir a própria sepultura.

Portanto, senhor Manuel Mónica, deixe de considerar o sindicato o seu inimigo n.º 1 e passe a tê-lo como o amigo n.º 1.

Verá que lucrará mais com isso. Se não lucrará mais dinheiro, lucrará mais dignidade, mais paz de consciência e mais felicidade. E não valerá isto mais do que o dinheiro... roubado aos operários?

## O rico avarento

«Havia um homem rico que se vestia de púrpura e de linho, e que todos os dias se banquetava esplendidamente. Havia também um mendigo, chamado Lázaro, o qual, coberto de chagas, estava deitado à sua porta, desejando socorrer-se com as migalhas que caíam da mesa do rico, e ninguém lho dava; mas os cães vinham lambor-lhe as chagas.»

Ora succedeu morrer o mendigo e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado no inferno. E, quando estava no meio dos tormentos, levantando os olhos, viu ao longe Abraão e Lázaro, no seu seio; e, gritando, disse: «Pai Abraão, compadecete-te de mim, e manda Lázaro que molhe em agua a ponta do seu dedo, para refrescar o minha lingua, pois sou atormentado neste chama. E Abraão disse-lhe: Filho, lembra-te que recebeste os bens em tua vida e Lázaro, ao contrário, só recebeu o mal; por isso é que agora consolado e tu atormentado. E além disso, há entre nós e vós um grande abismo, de maneira que os que querem passar daqui para vós não podem, nem os daí podem passar para cá. E disse o rico: Rogo-te, pois, ó Pai, que mandes a casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos, para que os advirta disto e não succeda virem também eles parar a estes tormentos. E Abraão disse-lhe: Têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. Ele porém, cisse: não, pai Abraão, mas, se algum dos mortos fór ter com eles, farão penitência. E ele disse-lhe: se não ouvem Moisés e os Profetas, tão pouco acreditarão, ainda que ressuscitasse algum dos mortos.»

(Do Evangelho de S. Lucas, Cap. XVI, vers. 19 e seguintes).

Aplica, prezados camaradas, a parábola que acabamos de ler. A avareza, a falta de caridade, leva ao inferno. O sofrimento, as privações, levam ao céu. Ai dos ricos que exploram o suor dos pobres e se banquetam esplendidamente à custa do trabalho alheio. Tende compadecido deles. Rezai por eles, para que se convertam.

## Em defesa dos Sindicatos

A organização sindical, para def dos interesses profissionais dos operários é um dos pontos essenciais da doutrina social católica. Qualquer que seja o documento pontificio em que peguem lá descobriremos a apologia rasgada organização profissional e, portanto, a sindical.

Quando este jornal nasceu e se lançou à conquista dos operários, está delineada pelo Estado uma organização sindical compatível com os nossos princípios.

Temos procurado, por isso, propal e defender as ideias sindicais e convencer o operariado a dar a sua ade franco e leal aos seus Sindicatos.

Ultimamente, porém, temos encontrado, da parte dos operários, uma mais tenaz resistência em acreditar-nos. Alegam eles, em sua defesa, o Sindicato nada recebem, que o Sindicato de nada lhes vale.

Efectivamente há dois grandes males de que enfermamos os nossos sindicais:

1. — A falta de preparação dos dirigentes;

2. — A guerra aberta que lhes têm fazendo muitos patrões.

O primeiro mal é natural, pois o nosso meio operário está ainda m abaixo daquele nível de cultura e qualidades que é necessário que ter o que é de lastimar é que o Estado tenha até hoje curado de melhorar situação, emparando e desenvolvendo até criando tentativas de educação operária, seja por meio de escolas peciais, de cursos, de palestras, seja meio de uma formação intensiva da escol operário que viria a ser o orientador de todo o operariado.

O segundo mal é estranho e der um grave vicio social da parte dos patrões. Sobre tudo no Norte do País palavra de ordem é guerra ao Sindicato.

Já aqui fizemos referência a vários casos bem sintomáticos e que nos conhecemos nos que não queremos aqui trazer, para não entendermos a do sol toda a roupa suja que poro vai.

Mas é uma verdade bem triste dezer: muitos patrões estão a criar, sistematicamente, toda a espécie de dificuldades aos Sindicatos. Ora despa membros da Direcção, ora ameaçam despedem os próprios operários sindicados. E é ponto ostante em várias bricas que ir ao Sindicato apresenta uma queixa, corresponde a cair em desgraça, bem próxima da fome.

Isto pode assim continuar?

Cruzador os braços os Autoridades Corporativas? Deixar correr este est de coisas o Governo?

Creemos que não, porque fazê-lo ria assinar a sua própria sentença morte.

É certo que, em muitas repartições Estado ainda se não compreendeu o privio novo que informamos a criação Sindicatos. É certo que muitos funcionários do Estado são os primeiros a grear os sindicatos.

Mas urge proclamar o erro de tal tudo e fazer vingar a ideia Sindical, só obrigando os entidades patronal respeitar os sindicatos, mas tam promulgando medidas legislativas dêem aos operários sindicalizados ce preferências sobre os não-sindicaliza. Não é isto fazer violência a ninguém defender os Sindicatos, é proteger os dicatos.

Se não se tomarem providências organização sindical não vingará, grande gáudio dos patrões inconscia que seriam os primeiros victimas da lência dos Sindicatos Nacionais.

Voltaremos ao assunto.

## Informações corporativas

### Direcções de Sindicatos

- Foram sancionadas as seguintes direcções de Sindicatos:
- Dos Trabalhadores de Armazém de Vinhos e Correlativos do Distrito de Lisboa.
- Da secção de Vila Real de Santo António do S. N. dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Faro.
- Dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa.
- Dos Motoristas do Distrito de Viana do Castelo.
- Dos Carpinteiros e Officios Correlativos do Distrito do Funchal.
- Dos Empregados de Comércio do Distrito de Beja.
- Dos Trabalhadores do Tráfego do Porto e Distrito de Lisboa.

— Dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Faro.

### Outras informações

- Foram fixados os salários mínimos a pagar na indústria de tamanca do Distrito do Porto, que começaram já a vigorar. Os salários são fixados por unidade de tempo e de trabalho.
- O Sindicato Nacional da Indústria de Lanifícios do Distrito da Guarda foi autorizado a estender a sua área ao Distrito de Viseu.
- Foi determinado, por despacho de 12 de Agosto, que, na ausência do Presidente de um Sindicato Nacional, e o Secretário quem o substitui, ainda que não haja disposição expressa nesse sentido nos estatutos ou regulam-ens os e mesmo que a Direcção não tenha deliberado sobre o assunto.
- No impedimento do Secretário, será o substituto do Presidente que fór designado em reunião de Direcção.